

PIONEIROS

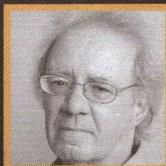
Histórias de quem fez Brasília

A falta de infra-estrutura, o frio intenso das noites no Cerrado, nada disso foi capaz de desanimar os que se dispuseram a transformar em realidade o sonho de JK de trazer a capital do país para o interior. Foram tempos difíceis, mas inesquecíveis para a maioria dos que vieram no início da cidade para cá. Na série *Pioneiros — Histórias de quem fez Brasília*, essas lembranças são reunidas semanalmente.

Gustavo
Ribeiro



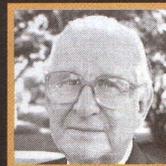
Jayme
Cerqueira



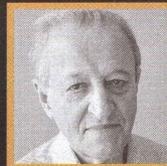
Léa Fonseca
Silva



Lourenço
Tamanini



Sebastião
Corrêa Côrtes



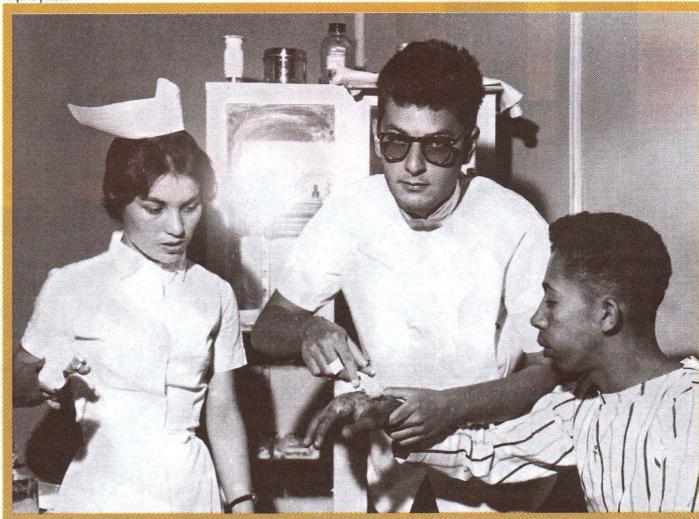
PIONEIROS



Gustavo Augusto Aurnheimer Ribeiro

Dedicação aos doentes nos primeiros anos de Brasília

Arquivo pessoal



STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

A construção da capital no centro do país “não representava apenas uma proposta de ocupação do Centro-Oeste ou um novo e moderno projeto arquitetônico e urbanístico, representava mais que isso, uma janela de oportunidades para centenas de profissionais” vindos de todas as regiões do Brasil. A opinião de Gustavo Augusto Aurnheimer Ribeiro, de 69 anos de idade, é compartilhada por muitos outros moradores que encontraram em Brasília oportunidades de trabalho e estabilidade. Os projetos de vanguarda nos setores de saúde, educação e habitação faziam da capital uma cidade-síntese e motivo de orgulho para os milhares de operários.

Recém-formado em medicina pela Universidade Federal Fluminense, Gustavo foi um dos convidados, no início da construção de Brasília, para integrar a equipe de médicos do Instituto dos Industriários — IAPI, no ano de 1959. “O dr. Antero Araújo havia trazido dois colegas e precisava de um cirurgião, então me convidou para trabalhar na nova capital”, conta. A primeira impressão da cidade não agradou o médico. “O primeiro

impacto foi decepcionante porque não havia nada, o clima era muito seco — nessa época não existia o lago. Para se ter uma idéia, eu trabalhava num barraco de madeira.” Para completar, na chegada, ele e o motorista do jipe se perderam nas proximidades de onde hoje está a Praça dos Três Poderes, devido ao grande número de obras e acampamentos no local.

Atraído pela oportunidade de trabalho, pela garantia de moradia e refeição, que naquele tempo eram gratuitas, e pelos altos salários que se pagavam aqui, na época — os médicos daqui eram os mais bem pagos do país

—, ele chegou. Aos poucos, foi descobrindo a cidade que se escondia por trás daquela poeira e gostando cada vez mais do local a ponto de abandonar a idéia de voltar para o Rio. “Eu pensava em voltar futuramente e retomar o emprego que havia abandonado lá no Rio.”

Gustavo nunca imaginou encontrar na nova capital do país um cenário semelhante ao das fabulosas histórias de Monteiro Lobato que costumava ler quando adolescente. As surpresas do cerrado, com seu aspecto agressivo e ao mesmo tempo bucólico, e a presença de animais, antes só vistos nos livros,

chamavam a atenção do jovem cirurgião, acostumado com as belezas do Rio de Janeiro. “Aqui encontramos de tudo: perizes, tatus, cobras, lagartos, onça-pintada e tamandua”, lembra o pioneiro.

Determinado, ele não teve escolha, quando chegou, senão morar num quatinho lá mesmo no Hospital do IAPI, que ficava na 706, na W3 Sul. Só depois de três meses — quando casou com Leda — é que mudou para uma casa maior, de madeira, num acampamento da 305 Sul. No novo endereço, ele e a esposa dividiam a casa com mais um casal — os Scarpelli.

NO HOSPITAL DO IAPI, GUSTAVO TRATAVA DE TODOS OS MALES QUE AFLIGIAM OS CANDANGOS: QUEIMADURAS, QUEDAS, ESMAGAMENTOS

Grandes surpresas

A nova vida no Planalto Central reservava grandes surpresas para o médico-cirurgião, que vivenciou em Brasília os maiores momentos de sua carreira. Um desses grandes momentos ele faz questão de lembrar. “Numa noite, quando eu morava na 305 Sul, fui chamado para atender o presidente do IAPI, que se encontrava internado no hospital com suspeita de infarto do miocárdio. Chegando lá, pedi licença para examiná-lo e, contrariando a opinião dos colegas, percebi que havia um certo volume na região do abdômem.” De acordo com o cirurgião, a história não condizia com o infarto e, sim, com um problema abdominal agudo. “Ao iniciar a cirurgia, percebi uma enorme inflamação causada por uma apendicite”, afirma.

Curado, dias depois, o presidente do IAPI lhe aparece com a retribuição. “Tenho um apartamento para o senhor na 305”, ele me disse. “Mas não é justo só eu receber. Quero apartamentos para os 22 médicos então”, reclamou. “Fomos para a Presidência da República resolver. Pedi ao Hermes Lima (então chefe da Casa Civil do governo João Goulart) que autorizasse a disponibilização de

PIONEIROS

Formado em medicina pela UFF, no Rio de Janeiro, o médico foi convidado a integrar a equipe do Hospital do IAPI como cirurgião, em 1959

22 apartamentos para os médicos. Ele disse que não podia porque já havia feito a distribuição dos apartamentos. Então eu ameacei: 'Ah, o senhor não pode, então vou parar as obras'", conta. O presidente do IAPI, que estava presente, levantou assustado e resolveu nomear uma comissão. "Todos os médicos receberam os apartamentos", conta vitorioso.

Acidentes

À medida que as obras e a cidade cresciam, aumentavam também os acidentes de trabalho. Gustavo trabalhava o dia todo, só não varava a madrugada porque às 11 da noite acabava a luz, que era fornecida por geradores. "A gente se sentia muito útil em poder contribuir para a construção da nova capital. Havia um otimismo muito grande e Juscelino contagiava a todos com seu entusiasmo." Além do Hospital IAPI, ele também atendia no consultório na Cidade Livre e no Posto Samdu, em Taguatinga. "Naquele tempo ocorriam acidentes de toda a natureza. Eram soterramentos, queda de cima dos prédios, queimaduras e muitos outros."

O cirurgião do IAPI conta que durante a impressão de um jornal, em Brasília, um funcionário prensou a mão numa das máquinas e teve de fazer uma cirurgia para recuperá-la. Outro ato de coragem e profissionalismo do médico e então diretor do Hospital do IAPI — ele era o mais jovem de todos — aconteceu durante o salvamento de um passageiro do ônibus que vinha do Gama para Brasília. "O ônibus ficou pendurado no viaduto e o passageiro que estava na escada ficou com as



GUSTAVO, LEDA E OS FILHOS, UMA VIDA FELIZ EM BRASÍLIA

“**NAQUELE TEMPO OCORRIAM ACIDENTES DE TODA A NATUREZA. ERAM SOTERRAMENTOS, QUEDAS DE CIMA DOS PRÉDIOS, QUEIMADURAS E MUITOS OUTROS**”

pernas prensadas". Depois da tentativa, sem sucesso, do Corpo de Bombeiros, para retirar o passageiro do ônibus, ele foi até o local. "Eu vi que não tinha jeito e perguntei a ele se podia amputar suas pernas". Munido de soro, anestésico e um serrote, o médico salvou o passageiro. "Assim que cheguei ao hospital, deixei-o sob os cuidados dos colegas porque eu estava muito abalado psicologicamente", desabafa.

A dúvida sobre se teria mesmo tomado a atitude correta naquele momento o acompanhou por anos. A resposta só veio anos mais tarde em uma viagem a Paris. "Eu vi pela TV um acidente semelhante que aconteceu na Alemanha. Os bombeiros não conseguiram resgatar o acidentado e os médicos tiveram de proceder do mesmo modo." Foi aí que Gustavo descobriu que sua atitude havia sido a mais apropriada naquele momento. "Eu estava certo", garante o Cidadão Honorário de Brasília.

Em meados de 1966, Gustavo

deixou o Hospital do IAPI, indo para o Hospital do Gama, onde trabalhou durante um ano. De lá, o cirurgião foi para o Hospital Distrital (atual Hospital de Base). Pós-graduado em proctologia, pela Universidade de Genebra — Suíça, ele morou alguns anos longe de Brasília, tempo que, segundo ele, fez aumentar a sua paixão pela cidade.

Os trabalhos em prol de Brasília não param por aí. Gustavo também atuou como diretor-executivo da Fundação Hospitalar e como coordenador da Secretaria de Assistência Social do Ministério da Previdência. O reconhecimento pelos inúmeros trabalhos na cidade é citado até nos livros como sendo "responsável por um bom trabalho comunitário, com relevantes serviços, principalmente naqueles primeiros tempos de Brasília". Se o pioneiro tivesse voltado para o Rio, certamente os candangos sentiriam sua falta. Gustavo nem sonha em sair daqui. "Hoje me considero um cidadão brasileiro", conclui.

Raio X

Nome: Gustavo Augusto Aurnheimer Ribeiro
Idade: 69 anos
Origem: Niterói, Rio de Janeiro
Ano de chegada a Brasília: 1959
Profissão: Médico (atualmente é secretário de Estado da Ação Social do Governo do Distrito Federal)
Estado civil: Casado
Esposa: Leda Tâmega Ribeiro
Filhos: Maria de Fátima, Patrícia e Gustavo
Netos: Ingrid e Gabriela



PIONEIROS



Jayme Pamponet de Cerqueira Filho

No centro do país, uma cidade de oportunidades

Arquivo Público

BIANCA CHIAVICATTI
ESPECIAL PARA O CORREIO

O maranhense Jayme Pamponet de Cerqueira Filho, 63 anos, não fez planos de mudar-se para o Distrito Federal. Mas fazia questão de ler as reportagens que saíam sobre a nova capital e quando via as fotografias da cidade nas revistas da época ficava impressionado. “Achava tudo muito bonito e diferente”, conta.

Em 1962, a irmã, Dionei, foi admitida em um concurso do Tribunal de Contas de União e veio para a cidade. Alguns meses depois, em novembro do mesmo ano, os pais recomendaram que Jayme acompanhasse a irmã e também se mudasse para a nova capital. A primeira visita, antes da vinda definitiva, aconteceu em julho, mês em que a temperatura na cidade atingia facilmente os três graus.

A viagem deixou boas impressões. “A cidade era inacreditável, parecia com o planeta Marte do filme de *Flash Gordon* que eu tinha visto no cinema”, recorda. “Meus amigos achavam loucura deixar o Rio de Janeiro, onde eu morava em Ipanema, para me aventurar no Planalto Central”, conta. Mas não havia escolha e a mudança foi concretizada.

Asa Norte

O apartamento da irmã ficava na quadra 403 Norte, uma das poucas construídas neste lado



do Eixo Rodoviário (403, 404, 405 e 406). Embora a Asa Sul também não estivesse concluída ainda, a Asa Norte era um verdadeiro matagal. Além de algumas quadras residenciais, havia estabelecimentos comerciais em construções de madeira montados no W3 e mais nada.

O único mercado disponível na região, do Serviço de Abastecimento de Brasília (SAB), ficava na 406 Norte e também fazia as vezes de posto telefônico. “Não tínhamos telefone em casa e o único orelhão das redondezas ficava lá”, diz.

No Rio de Janeiro, Jayme tra-

balhava no Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado (Ipase). Como o número de funcionários públicos interessados em mudar-se para Brasília, mesmo depois de inaugurada, ainda era pequeno, não foi difícil conseguir a transferência.

A diferença salarial era absurda. Enquanto na capital carioca o pioneiro ganhava um salário mínimo — cerca de 6 mil cruzeiros na época —, aqui receberia muito mais que o triplo.

A qualidade de vida também melhoraria. No Rio, a maioria dos funcionários era acostumada

a aumentar os ganhos salariais trabalhando cerca de quatro horas diárias a mais que o normal. “Fazíamos isto principalmente nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro”, recorda. Aqui, não seria preciso aumentar a jornada de trabalho porque além de todos serem melhores pagos ainda ganhavam a dobradinha — salário em dobro concedido aos funcionários como incentivo para mudar-se para a nova capital.

Asa Sul

O prédio do Ipase ficava no Setor de Autarquias Sul, que além

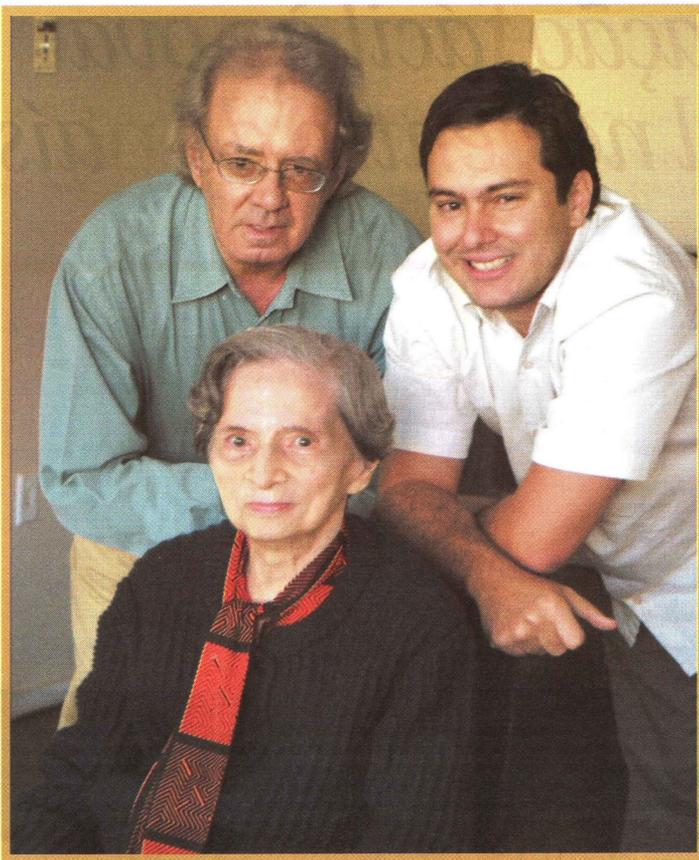
JAYME MOROU COM OS PAIS NA 208 SUL, EM UM APARTAMENTO CONSEGUIDO PELO IPASE, ÓRGÃO EM QUE TRABALHAVA

deste prédio tinha no máximo mais dois edifícios. A avenida L2 Sul já estava asfaltada, mas o movimento de carros era raro. A Asa Sul já tinha várias quadras prontas, mas a única completa, no modelo imaginado por Lucio Costa era a 114 Sul.

PIONEIROS

Os pais sugeriram que o pioneiro viesse para a nova capital acompanhar a irmã, que havia passado em um concurso. Sem muito esforço, conseguiu transferência pelo Ipase

JAYME, A ESPOSA LYS E O FILHO: LEMBRANÇAS DO DIA-A-DIA VIVIDO NA CIDADE



Jayme conta que a quadra foi ponto turístico por algum tempo, pois nenhuma contava ainda com a urbanização e infraestrutura desta. “A quadra já tinha gramado, era arborizada e tinha uma escola classe”, afirma. “Eu sempre levava os familiares que vinham conhecer Brasília até lá”, completa.

No restante da Asa Sul, nem todas as tesourinhas estavam prontas e também não havia ainda as passagens entre as asas Sul e Norte. “Tínhamos que dar a volta, pegar um caminho alternativo, nem me lembro como fazíamos”, conta.

Com poucas opções de lazer, a população se concentrava nos poucos locais de encontro da cidade, como os cinemas Brasília e Cultura, o Brasília Palace Hotel e o restaurante Roma, na W3 Sul. Fora estes programas, Jayme e muito outros moradores do Plano Piloto tinham o costume de ir até as cidades-satélites nos finais de semana. “famos muito a uma cachoeira no Gama, a Sobradinho e Taguatinga”, diz. “Também tomávamos banho na barragem do Paranoá”, completa.

Universidade

Brasília não oferecia oportunidades apenas de trabalho, a vida aqui também facilitava o ingresso na universidade. O pioneiro foi um dos beneficiados com a criação da Universidade de Brasília e lamenta que o projeto inovador com o qual ela foi criada tenha sido destruído. “Os professores eram realmente muito bons e o método de ensino diferente”, diz.

Jayme foi admitido na faculdade de Economia no segundo vestibular realizado pela UnB,

em 1963. Ainda não existia o minhocão e as salas de aulas ficavam na Faculdade de Educação, próximo ao Cine Dois Candangos. Quando a universidade foi invadida pelos militares, em 1968, Jayme ainda era aluno, mas não estava no campus durante o acontecimento.

Em agosto de 1964, a carreira no Ipase deu lugar a uma vaga no TCU, por meio de um concurso em que Jayme foi o 31º colocado para o cargo de escrivão. O TCU ficava no bloco

7 da Esplanada dos Ministérios. Nesta época, os pais dele também haviam se mudado para cá e a família vivia em um apartamento na 208 Sul, conseguido no Ipase.

Dos primeiros anos em Brasília, as lembranças de Jayme são de fatos corriqueiros que, para quem morava aqui, se transformavam em verdadeiros acontecimentos. “Festejávamos as primeiras chuvas, em outubro, e bastava ver alguém parado em algum lugar para oferecermos

carona, para onde quer que fosse”, recorda.

Além da amizade e proximidade maior entre as pessoas, o pioneiro sente falta dos poucos anos de igualdade social em que foi possível viver em Brasília. “No início, porteiros, motoristas, funcionários e ministros dividiam o mesmo espaço de convivência, pois todos moravam no Plano Piloto”, diz. “Não havia esta separação geográfica de fundo social que hoje vivemos aqui”, conclui.

“
A CIDADE ERA INACREDITÁVEL, PARECIA COM O PLANETA MARTE DO FILME DE FLASH GORDON QUE EU TINHA VISTO NO CINEMA”

Raio X

Nome: Jayme Pamponet de Cerqueira Filho
Idade: 63 anos
Origem: São Luís, Maranhão
Ano de chegada a Brasília: 1962
Profissão: Funcionário público aposentado
Esposa: Lys Pinto Ferraz
Filhos: Jayme Neto e Bruno Ezon



Léa Fonseca Silva

Como funcionária da Câmara seria seu destino. Mas isso

Adaptação fácil à nova capital no centro do país

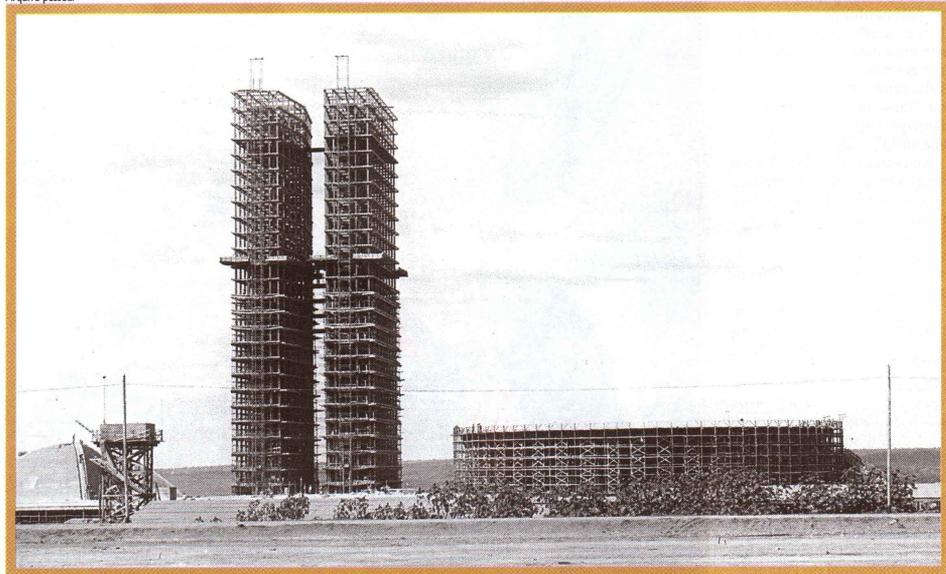
Arquivo pessoal

VINIcius NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

Foi guiada pelo seu bom humor e pelo otimismo — marcas presentes em sua personalidade até hoje — que a pioneira Léa Fonseca Silva desembarcou em Brasília, no dia 30 de agosto de 1960. Funcionária pública da Câmara dos Deputados, onde se aposentou com quase 40 anos de casa, Léa não teve muita opção. “Eles fizeram um pouco de terrorismo no início, dizendo que quem não viesse perderia o emprego, mas quem não se adaptou acabou dando um jeito de voltar para o Rio de Janeiro”, conta a pioneira. Não foi esse o caso dela, que se acostumou rápido com a nova cidade e, mais de 40 anos depois, continua por aqui.

Para facilitar o processo de adaptação dos cariocas à nova capital, a Câmara dos Deputados trazia seus funcionários a Brasília algumas vezes antes da transferência definitiva, em abril de 1960. “Nas vezes que vim, ainda em 1959, fiquei encantada com a cidade. Achei Brasília diferente, um canteiro de obras que seria a nossa capital”, afirma a pioneira que viu o prédio onde ela iria trabalhar ser construído. Conhecer a cidade antes de mudar-se para cá realmente foi muito bom pa-



ra algumas pessoas. “Foi ótimo vir aqui antes porque fomos nos acostumando aos poucos com a idéia de Brasília. Acho que foi por isso que não tive problema nenhum de adaptação aqui”, afirma ela. Nem mesmo a falta da praia, que era tão próxima do apartamento onde Léa morava no famoso bairro de Copacabana, no Rio de Janeiro, assustou a pioneira. “Posso contar as vezes que fui à praia quando morava lá. Não seria depois de chegar aqui que ia me fazer falta”, atesta.

Com a inauguração de Brasília, não tinha mais como adiar a vinda para cá. Mesmo assim, Léa só veio alguns meses depois, em agosto de 1960, porque estava grávida de sua segunda filha e gozando de licença maternidade. “Logo que minha licença acabou, vim para Brasília com uma criança de dois anos e um bebê de alguns meses para reencontrar o meu marido, que já trabalhava na cidade, em uma companhia aérea no aeroporto”, conta. Das primeiras vezes que Léa veio a Brasília, antes da inauguração,

a Câmara apresentou aos funcionários onde estavam os apartamentos funcionais a que eles teriam direito. “Ficamos todos de olho nos apartamentos de canto, mas acabei sorteada em um de meio, no bloco 1 (hoje bloco A) da 108 Sul”, conta Léa. Como a funcionária pública tinha duas crianças, o consumo de fraldas pela família era grande e a área de serviço do apartamento era muito pequena. “Era uma época em que as fraldas ainda eram de pano. Tinha semana que eram

LÉA LEMBRA BEM DA IMAGEM DO CONGRESSO SENDO CONSTRUÍDO. FOI LÁ QUE TRABALHOU ATÉ SE APOSENTAR EM BRASÍLIA

mais de 50 panos para secar. Não cabia de jeito nenhum naquela área”, conta. Com tão pouco espaço, Léa escreveu um ofício à Câmara dos Deputados explicando sua situação e conseguiu de imediato a transferência

âmara dos Deputados, a pioneira não tinha opção. A nova capital não foi problema para ela, que criou com satisfação os filhos aqui

LÉA, CERCADA DE FILHOS E NETOS, NÃO PENSA EM SAIR DA CIDADE

Arquivo pessoal



para um apartamento maior na 306 Sul. Mas a família cresceu mais uma vez com a terceira filha e Léa tinha dificuldade para abrigar os parentes e amigos curiosos em conhecer a capital. “O apartamento continuava pequeno e meu filho mais velho sempre tinha que ceder o quarto para as visitas”, lembra Léa. Por isso, seis anos depois, em 1966, aproveitando-se do bom trânsito que anos de casa lhe conferiram, a pioneira propôs uma troca de apartamento com um parlamentar e acabou instalada na 208 Sul, quadra em que mora até hoje.

Trabalhando tanto tempo na Câmara — Léa se orgulha com toda a razão de ter dedicado 40 anos de sua vida à casa —, era natural que a pioneira tivesse relação amigável com muitos políticos. “Quando o deputado José Bonifácio assumiu a presidência da Casa, pus meu cargo de confiança à disposição para que ele pudesse ocupá-lo com outra pessoa, se quisesse. Ele virou para mim, deu uma risada e disse que eu podia ficar sossegada, pois já deveria estar catalogada pelo almoxarifado como móvel e utensílio do patrimônio da UDN (partido no qual Léa trabalhou durante muitos anos)”, diverte-se a pioneira. Para manter o bom humor e não deixar o ambiente ficar desanimado, Léa fazia sempre almoços — especialmente feijoadas e cozidos — para os amigos da Câmara. “Como meu marido trabalhava no aeroporto, ficava mais fácil trazer os ingredientes do Rio de Janeiro. Além disso, a Câmara disponibilizava diariamente um ônibus para

que pudessemos ir à Cidade Livre fazer compras”, conta a pioneira. Não só para fazer compras. Nos finais de semana, Léa e o marido, Wilson, gostavam de ir ao restaurante Amaral, na Cidade Livre. “Eles serviam umas carnes de caça deliciosas lá. E tinham uma variedade enorme de doces caseiros. A promoção era quem comesse de todos os tipos não pagava, mas ninguém conseguia”, diverte-se a pioneira. Outros lugares onde a diversão era garantida eram o Clube do Congresso, “com seu ambiente familiar”, e o aeroporto, “onde as famílias levavam as crianças para ver os aviões decolando”.

Infra-estrutura

No início de Brasília, muitas quadras residenciais tinham problemas de abastecimento de luz e água, o que obrigava os moradores a certas ginásticas. “Faltava luz com frequência logo no início da cidade e eu ficava apreensiva com meu filho no elevador. O resultado é que ele tinha que subir e descer as escadas toda vez que quisesse sair ou voltar para casa”, afirma Léa, que morava no quinto andar.

“**FALTAVA LUZ COM FREQUÊNCIA LOGO NO INÍCIO DA CIDADE E EU FICAVA APREENSIVA COM MEU FILHO NO ELEVADOR. O RESULTADO É QUE ELE TINHA QUE SUBIR E DESCER AS ESCADAS TODA VEZ QUE QUISESSE SAIR OU VOLTAR PARA CASA**”

Aquela também era época em que as quadras residenciais de Brasília ainda estavam incompletas e o movimento de carro nelas era muito pequeno e, fora dos horários de pico, quase nulo. Pois foi justamente essa tranquilidade que acabou evitando o que poderia ter sido um acidente com os dois filhos mais velhos de Léa. “Meu cunhado, que morava comigo, estava levando as crianças à creche quando lembrou que havia esquecido alguma coisa lá em cima. Ele foi buscar e deixou os dois na kombi, mas meu filho soltou o freio de mão. Como não tinha ninguém e nenhum carro na rua, meu cunhado conseguiu parar a kombi antes de ela bater em algum outro carro”, lembra Léa, que assistiu à aventura da janela. “Imagina se isso é em Copacabana! Essa tranquilidade é que faz com que Brasília ofereça a seus moradores uma excelente condição de vida até hoje. Rio de Janeiro hoje, nem de férias”, finaliza a pioneira. Léa completa que nem que seus três filhos saiam da cidade — o mais velho já mora em Salvador — ela deixará Brasília.

Raio X

Nome: Léa Fonseca da Silva
Idade: 79 anos
Origem: Rio de Janeiro
Ano de chegada a Brasília: 1960
Profissão: Funcionária pública aposentada
Estado civil: Viúva
Marido: Wilson de Aquino (falecido)
Filhos: Carlos Guilherme, Miriam Denise e Cláudia Marisa
Netos: Eduardo, Rafael, Diego, Ana Carolina, Danilo e Guilherme

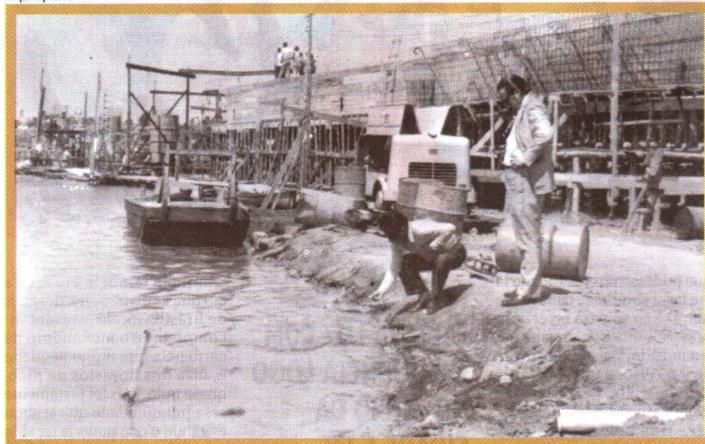
PIONEIROS



Lourenço Fernando Tamanini

Um estudioso da história da nova capital

Arquivo pessoal



BIANCA CHIAVICATTI
ESPECIAL PARA O CORREIO

A produção industrial no Brasil não era muito significativa na década de 50. “Quase nada se fabricava aqui, tudo era importado”, afirma Lourenço Fernando Tamanini, 80 anos. Nesta época, algumas empresas detinham a exclusividade de importação de bens como eletrodomésticos, brinquedos, máquinas e outras mercadorias industrializadas. Entre elas, a Mesbla S.A. figurava como uma das maiores na América Latina.

A construção de Brasília, por sua vez, era assunto comentado por todos, no Brasil e em muitos países do exterior. Até a inauguração, muitos criticavam o projeto de Juscelino Kubitschek e outros não acreditavam em sua concretização. Mas as grandes empresas não podiam ficar alheias ao que acontecia no Planalto Central. Afinal, a consolidação da capital no interior mudaria o perfil econômico do país definitivamente. Assim, a Mesbla também foi um dos fornecedores de material para a cidade.

Perto da inauguração anunciada, Lourenço, no cargo de chefe de vendas da empresa, foi solicitado a viajar para o futuro Distrito Federal e verificar se a empresa deveria abrir filial na cidade.

Brasília ainda era um canteiro de obras, sendo que as únicas concluídas eram o Palácio da Al-

vorada, o Brasília Palace Hotel e a pista de pouso do aeroporto. A localização destas três obras foi determinada, segundo Lourenço, antes mesmo da escolha do projeto de Brasília por uma questão estratégica. “Era preciso haver a residência do presidente, um hotel para receber autoridades e outros visitantes e uma pista de pouso com grande capacidade, já que o avião seria o principal meio de transporte para cá”, explica.

A primeira visita ao Planalto Central, em 1959, deu certeza a Lourenço de que o futuro do país estava aqui e em nenhum outro lugar. “A fim de fazer os preparativos para a instalação da filial da Mesbla aqui, o pioneiro mudou-se para Brasília em 1960, antes da inauguração. Já casado na época, a esposa e

os dois filhos pequenos viriam mais tarde, quando houvesse condições de todos serem acomodados. De início, Lourenço ficou hospedado no apartamento de um amigo, na 105 Sul.

O escritório provisório da Mesbla ficava na W3 Sul, que já tinha a mesma aparência de hoje, embora sem árvores e com apenas uma pista de faixa dupla. A filial da empresa seria aberta no Setor Comercial Sul. Com ajuda de Lourenço, a empresa havia adquirido dois terrenos no local e esperava a hora certa de iniciar a construção.

Enquanto isso não acontecia, Lourenço ia conhecendo a cidade e se apaixonando cada vez mais. “Tinha 30 e poucos anos e só pensava em termos de futuro”, conta. “Estava claro para mim que viver em Brasília era

a melhor oportunidade de crescimento que alguém podia ter naquela época”, completa.

Em junho, a esposa Sylvia Girardi Tamanini, que trabalhava para o governo de Minas Gerais, conseguiu moradia no acampamento da representação de governo, na Vila Planalto. Começava assim a vida da família Tamanini na nova capital.

Desistência

Tudo pronto para a construção da filial da Mesbla, a empresa, entretanto, esperava a decisão das urnas na eleição para presidente da República. A onda de oposição à mudança da capital federal para Brasília era grande e a maior parte dos empresários temia o que aconteceria se o candidato do partido de JK não conseguisse ser eleito.

LOURENÇO ACOMPANHOU DE PERTO TODO O DESENVOLVIMENTO DO LAGO SUL. NA FOTO, DURANTE A CONSTRUÇÃO DA PONTE EM FRENTE AO GILBERTO SALOMÃO

Venceu a oposição e, em janeiro de 1961, ao mesmo tempo em que Jânio Quadros começava o ano como novo presidente da República, muitos investidores deixavam Brasília. Um deles foi a Mesbla. A empresa, para surpresa do pioneiro, que sempre acreditou na consolidação da capital federal em Brasília, desistiu de transferir-se para cá e solicitou o seu retorno ao Rio de Janeiro.

“Me recusei a aceitar e pedi demissão mesmo sem saber o que faria depois”, diz. “Eu sabia que os boatos de retorno para o Rio nunca se realizariam porque isto seria o atestado de óbito do país, seria admitir para o mundo que nós não éramos capazes de realizar nada sério”, conclui.

Concurso público

A saída da empresa coincidiu com a abertura para as inscrições do primeiro concurso para admissão em cargos do serviço público no país. Até o governo de Jânio Quadros, o único órgão federal que exigia este tipo de seleção era o Itamaraty. “Os outros funcionários públicos eram contratados por indicação e depois de dois anos de serviço eram efetivados por leis votadas no Congresso Nacional”, revela.

O concurso era para escolher os funcionários da Prefeitura do Distrito Federal. Lourenço, que era advogado, tornou-se então procurador do que hoje seria o Governo do DF, em agosto de 1961.

PIONEIROS

O pioneiro chegou a Brasília em 1960 para preparar a instalação de uma filial da Mesbla na nova capital. Depois da eleição de Jânio Quadros, a empresa desistiu, mas o funcionário, não

LOURENÇO COM A
FAMÍLIA: O INTERESSE
POR BRASÍLIA É
TAMANHO QUE ATÉ
HOJE DE DEDICA A
ESTUDÁ-LA



Menos de um ano depois, ele pôde comprar uma casa no modelo HP3, no local onde hoje está a 706 Sul. Ali moravam engenheiros, empresários e outros profissionais liberais que, por não fazerem parte da administração federal, não tinham direito aos apartamentos funcionais.

Foi nesta quadra que Lourenço tornou-se amigo de Gilberto Salomão e acompanhou de perto a história da construção do Centro Comercial Gilberto Salomão e o desenvolvimento do Lago Sul.

História

A paixão pelo Distrito Federal fez com que Lourenço se interessasse cada vez mais por conhecer a história da cidade e registrar tudo o que descobria. Coisa que na condição de pioneiro acompanhou de perto.

Como resultado, tornou-se um dos principais conhecedores da história da nova capital, autor de três livros: *Brasília, Memória da Construção — volumes I e II*; *A Surpreendente História do Lago Sul* e *Como foi Brasília um dia*.

Os livros contam com detalhes toda a trajetória da transferência da capital para o Planalto Central e sua consolidação. Sobre o Lago Sul, por exemplo, mostra como a região era descreditada antes da construção do Centro Comercial Gilberto Salomão e a inauguração da primeira ponte, em 1974.

As obras trazem detalhes também sobre as modificações sofridas no projeto original da cidade, de Lucio Costa. Um exemplo é a região onde hoje estão as escolas, hospitais, igrejas e faculdades, na Asa Sul. Pelo desenho do arquiteto, as quadras 700 e 900 seriam destinadas a

hortas, flores e pomares.

Outra modificação foi feita na região onde foram construídos os blocos das quadras 400. Tanto na Asa Sul como na Asa Norte, estas quadras não seriam destinadas a residências. No lado sul de Brasília, a região seria ocupada pelas embaixadas, e no lado norte, pela Universidade. Na prática, o que aconteceu foi que estas destinações não desapareceram, mas ficaram abaixo da avenida L2.

Outro fato interessante contado nos livros diz respeito à construção da barragem do Paranoá. A construção da capital federal foi distribuída entre grandes construtoras, como Nacional, Rabelo etc. Entre estas, havia uma, braço de uma grande companhia norte-americana, chamada de Planalto. A obra da barragem fora entregue a ela, que trabalhava de maneira diferente das demais.

“As diferenças começavam no acampamento, em que as casas de madeira tinham aparelhos de ar condicionado, não tocavam o chão e tinham janelas e portas cobertas de telas para impedir a entrada de insetos”, conta Lourenço. “Continuavam na maneira de

trabalhar, com horários definidos e curtos em relação ao ritmo intenso de trabalho das outras construtoras”, conclui.

O resultado disto foi que a Planalto não conseguiu construir a barragem a tempo e o contrato teve que ser rompido pela Novacap, que assumiu a administração da obra e se comprometeu a entregá-la pronta para a inauguração da cidade.

Por conta da pressa, a Novacap construía a barragem ao mesmo tempo em que fechava as suas comportas. Este trabalho exigia muita habilidade para evitar que o nível da água subisse demais e prejudicasse a construção. A história da tão falada cota mil diz respeito ao nível que o lago deveria alcançar, mas o pioneiro afirma que na verdade a cota nunca foi atingida e a margem do lago na verdade ficou a 994 metros acima do nível do mar.

Crescimento

Em 1972, Lourenço mudou-se para a quadra Q1 5 do Lago Sul. A casa, da qual nunca se desfez, foi a primeira construção da região. Lá ficava o acampamento da Companhia Construtora Brasileira de Estradas, a primeira

empresa de terraplanagem que veio para Brasília. Com a preocupação de não mudar o projeto original da construção, ele só trocou a estrutura de madeira por alvenaria, mas manteve portas, janelas e o formato.

Vendo Brasília nos dias de hoje, Lourenço sente orgulho pela cidade que viu crescer. Questionado sobre o crescimento da capital, diz que o ritmo acelerado em que isto aconteceu não o surpreende e talvez também não surpreendesse Juscelino Kubitschek.

“A questão foi colocada em discussão durante uma reunião do presidente JK com autoridades da Novacap e principais construtoras, no Palácio da Alvorada, em agosto de 1958”, conta. “Na oportunidade, foi solicitado a todos presentes que fizessem uma previsão de quantos anos levaria, a partir daquela data, para que Brasília atingisse uma população de 500 mil habitantes”, continua.

A cidade tinha pouco mais de 50 mil moradores na ocasião, a maioria operários da construção. “Na década seguinte, confirmou-se que, dos 13 presentes, JK foi o único a acertar a previsão: 11 anos”, conclui.

“
EU SABIA QUE OS
BOATOS DE
RETORNO PARA O
RIO NUNCA SE
REALIZARIAM
PORQUE ISTO
SERIA O
ATESTADO DE
ÓBITO DO PAÍS,
SERIA ADMITIR
PARA O MUNDO
QUE NÓS NÃO
ÉRAMOS
CAPAZES DE
REALIZAR NADA
SÉRIO”

Raio X

Nome:
Lourenço Fernando
Tamarinini
Idade:
80 anos
Origem:
Santa Tereza, Espírito
Santo
Ano de chegada a
Brasília:
1960
Profissão:
Procurador aposentado
Esposa:
Sylvia Girardi Tamarinini
(falecida)
Filhos:
Fernando, Sérgio Túlio
Netos:
Caio (falecido), Pedro,
Livia e Marina

PIONEIROS



Sebastião Corrêa Côrtes

Em um ano, o crescimento populacional foi enorme

Arquivo pessoal

VINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

Fazer o recenseamento de uma cidade que mal havia sido criada e não estava ainda inaugurada. Essa era a inusitada tarefa de Sebastião Corrêa Côrtes, que, junto com cerca de 30 colegas do IBGE, foi responsável pelo censo na Brasília de 1957, dois anos antes de o pioneiro trocar em definitivo Goiânia pela nova capital federal. O resultado do levantamento rural, realizado em janeiro daquele ano, levou em conta apenas os moradores da Cidade Livre (hoje Núcleo Bandeirante) e da Zona Rural e contabilizou cerca de 12 mil habitantes em todo o Distrito Federal, sendo apenas 3,8 mil no Plano Piloto. No ano seguinte, a aventura se repetiu e o crescimento da cidade era assustador. O número de pessoas contadas pelo censo de 1958 chegou a 25 mil habitantes em uma Brasília que já não era mais somente Cidade Livre e Zona Rural, pois o Plano Piloto já apresentava seus traços esboçados.

Recensar uma cidade como a Brasília daquela época, definida por muitos como um faroeste, não era tarefa das mais fáceis. "Tínhamos que vir com o nosso espírito de aventureiros aguçado", confirma Sebastião, que já tinha tido a experiência de trabalhar no censo demográ-



fico de pequenas cidades em Minas Gerais, como Sete Lagoas. Mas nada era como Brasília. "Aqui para chegar a muitas casas tínhamos que ir a cavalo, de carroça ou mesmo de bicicleta. O que mais me impressionava era a empolgação de homens e mulheres que haviam deixado suas próprias raízes para trás, vindo para o meio do cerrado. E mesmo assim, estavam felizes e determinados em ficar por aqui", lembra o pioneiro.

As maiores dificuldades dos recenseadores estavam no campo, pois as fazendas eram grandes e distantes umas das outras. Para piorar, algumas pessoas não recebiam os agentes com as melhores das caras, muitas vezes, nem recebiam. "Se hoje ain-

da há essa dificuldade, imagina naquela época", compara Sebastião, classificando como "determinante para o sucesso do censo" a campanha que o governo fez para que a população compreendesse a importância do levantamento demográfico. "O próprio Juscelino falava sobre isso em seus discursos, as rádios e os jornais faziam matérias sobre o assunto e até mesmo nos sermões da igreja os padres abordavam o censo", lembra.

A primeira missa

Ainda em 1957, Sebastião Côrtes voltava a Brasília. Ele era presidente da União Estadual dos Estudantes de Goiás, e o presidente Juscelino Kubitschek mandou convidar todos os líde-

res estudantis para assistir à primeira missa de Brasília, rezada em maio de 1957. "Eu vim cheio de esperança e orgulho representar os estudantes do estado em uma cidade que para mim representava o início do progresso nacional", afirma Sebastião, ainda imbuído do espírito daquele líder estudantil. Depois de fazer um pronunciamento aos presentes, JK escolheu um líder estudantil para passar a palavra. Dessa forma, Sebastião teve a oportunidade de falar a todos os presentes sobre o significado de Brasília para ele. "Disse que Brasília era um chamado espiritual do homem do litoral para o interior do Brasil, o princípio de uma revolução, de uma renovação de valores. Uma

SEBASTIÃO E O IRMÃO DIRCEU EM VISITA A BRASÍLIA EM 1957

filosofia em concreto armado", diz o pioneiro.

O inflamado discurso de Sebastião conquistou de cara o presidente da República. Sem pensar duas vezes, Juscelino chegou ao líder estudantil e o convidou para vir trabalhar em Brasília. Mas não foi dessa vez que Sebastião acabou trazendo sua mudança para a capital federal. "Agradeci o convite, que muito me envidescia, mas não pude aceitar porque ainda faltavam dois anos para a conclusão do meu curso de Direito", conta Sebastião. Diante da negativa,

PIONEIROS

Mesmo antes de ser inaugurada, foram feitos dois censos demográficos em Brasília. O primeiro, em 1957, e o segundo, em 1958. O pioneiro participou da realização dos dois

Juscelino não desistiu de trazer Sebastião para cá. Persistente que era, pegou o endereço e o telefone do jovem estudante e disse que dali a dois anos ele voltariam a conversar.

A vinda para Brasília

De fato, quando Sebastião concluiu seu curso, ele escreveu uma carta ao presidente da República, lembrando JK do fato. "Em vez de responder a minha carta, o presidente mandou que seu secretário me ligasse dizendo que eu podia vir imediatamente para Brasília", lembra Sebastião, que acabou transferido do IBGE para o Gabinete Civil de JK. Lá, ele era um dos responsáveis pela correspondência pessoal do presidente, atuando algumas vezes como *ghost writer*. A tarefa era desenvolvida com tanto afinco que Sebastião ainda ficou por lá com Jânio Quadros, João Goulart e até mesmo Castello Branco. "Fui um dos poucos funcionários a passar do gabinete de um presidente civil para o de um militar", orgulha-se o pioneiro.

A saga de Sebastião nos gabinetes dos presidentes terminou em 1964, mas não teve nenhuma ligação com a ditadura militar instaurada naquele ano no país. O pioneiro havia sido, isso sim, aprovado em um concurso público para a Câmara dos Deputados, onde trabalhou até se aposentar em 1989. Sebastião exerceu várias funções na casa, sendo que durante 15 anos atuou como coordenador da área de redação da Assessoria Legislativa. Foi dessa forma que ele integrou a Comissão de Sistematização da Constituinte de



SEBASTIÃO, MARIA E A NUMEROSA FAMÍLIA UNIDA EM BRASÍLIA

“**JUSCELINO FOI EM PESSOA ÀS OBRAS (DA RODOVIÁRIA) DIZER QUE BRASÍLIA NÃO ERA UM LUGAR DE GARIMPO E QUE ELES ESTAVAM ALI PARA CONSTRUIR A CAPITAL FEDERAL. MANDOU QUE AS OBRAS CONTINUASSEM NORMALMENTE**”

1988, presidida pelo então deputado Bernardo Cabral. "Foi um orgulho muito grande para mim participar de um trabalho gratificante como esse, de revisar o texto da nossa Constituição", ressalta Sebastião. Outro trabalho de que o pioneiro muito se orgulha foi o de ter sido recepcionista de autoridades estrangeiras no Congresso Nacional, como o presidente francês Charles De Gaulle ou a rainha inglesa Elizabeth II, entre tantas outras personalidades.

Entre o censo de 1957 e a mudança definitiva para cá, em 1959, Sebastião participou do censo de 1958 em Brasília. Logo quando chegou à cidade depois de quase um ano tendo contato com a futura capital federal por meio de jornais — "os jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo não gostavam nada da idéia da transferência da capital para o interior, pois tinham medo de perder a hegemonia do poder nacional" —, Sebastião confessa que se assustou um pouco com o crescimento de Brasília. "A cidade havia crescido demais. O Plano Piloto já estava pronto e em algumas quadras já tinha gente morando. A Esplanada dos Ministérios e as estru-

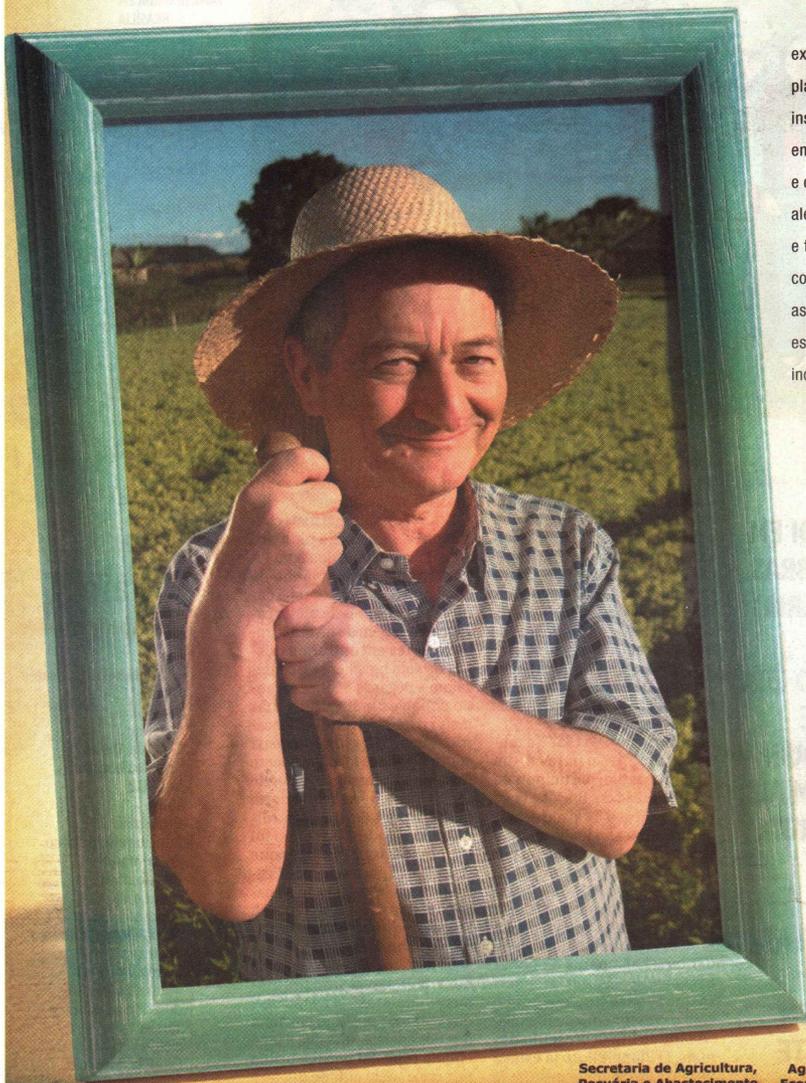
turas metálicas do Congresso Nacional também estavam construídas", conta ele.

Uma das obras que mais chamavam a atenção do pioneiro era a da Rodoviária do Plano Piloto. Não só pelo tamanho da obra, mas também por uma curiosidade. "Depois de muito cavar na passagem de nível, os trabalhadores encontraram cristais no solo brasileiro e começaram a pegar as pedras, cavando cada vez mais para achar mais cristais", diverte-se Sebastião. Quem não se divertiu nada com a novidade foi o presidente Juscelino Kubitschek, pois ele temia que a nova brincadeira pudesse prejudicar o plano diretor da cidade. "Juscelino foi em pessoa às obras dizer que Brasília não era um lugar de garimpo e que eles estavam ali para construir a capital federal. Mandou que as obras continuassem normalmente", afirma Sebastião, ressaltando que a ordem de JK havia sido prontamente cumprida. O resultado é que estamos até hoje em cima dos tais cristais. "Brasília é uma cidade especial porque brilha por cima, pela cidade que é, e por baixo, pelas riquezas minerais", conclui o pioneiro.

Raio X

Nome: Sebastião Corrêa Côrtes
Idade: 80 anos
Origem: Goiânia, Goiás
Ano de chegada a Brasília: 1959
Profissão: Funcionário público aposentado
Estado civil: Casado
Esposa: Maria Berquó Corrêa Côrtes
Filhos: Marcelo, Cláudio (falecido), Diomar e Tarcísio
Netos: Daniela, Mariana, Liliane, Igor, Vitor, Lucca, Bruna e Yasmim.

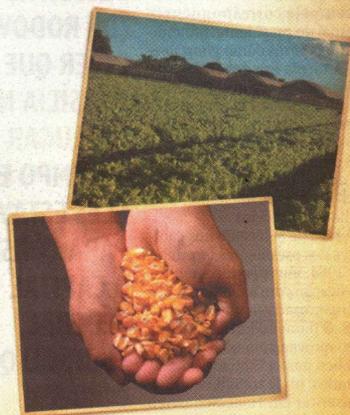
CELSE DIZ QUE PRÓ-RURAL É O QUE CHAMAM POR AÍ DE SALVAÇÃO DA LAVOURA.



Celso tem um bom pedaço de terra e muita experiência em agricultura. Mas, para continuar plantando, ele precisava alugar maquinário, comprar insumos e contratar mais pessoal. Foi aí que entrou em ação o **Pró-Rural** do GDF, um programa moderno e coerente, que oferece crédito fácil aos agricultores, além de incentivos fiscais, tarifários, administrativos e tecnológicos. Celso recebeu os benefícios e já está colhendo os resultados. Seu plantio foi um sucesso, assim como a colheita e as vendas. Agora a terra está descansando; mas, se depender do Celso e dos incentivos do governo, o novo plantio não vai demorar.

PRÓ-RURAL.

CRÉDITO E INCENTIVO PARA A AGRICULTURA.



Secretaria de Agricultura,
Pecuária e Abastecimento

Agência de Desenvolvimento
Econômico e Comércio Exterior

